

LUCA BUSSOTTI

labronicus@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

## O RAP ITALIANO ENTRE “SEGUNDA GERAÇÃO”, DESEMPENHO E NOVO PROTESTO SOCIAL

### RESUMO

O *rap* italiano tem sido caracterizado, desde o início da década de dois-mil, por novos *rappers* emergentes, em boa medida “mistos”, ou seja, de origens africanas, asiáticas ou latino-americanas. Eles, formando a rede G2 – “segunda geração”, enfatizaram a necessidade de uma Itália mais aberta e tolerante para com a questão da imigração, aglutinando a sua ação em volta da aprovação, por parte do Parlamento italiano, de uma nova lei sobre a cidadania, embora sem sucesso. Embora apresentando tendências diferenciadas, esta “segunda geração” colocou assuntos políticos e culturais altamente comprometidos no centro da cena *rap* italiana; com a ascensão política do partido da Liga do Norte e do seu líder Matteo Salvini, uma tal propensão passou a caracterizar outros colegas muito mais famosos. O *rap* da G2 de periférico tornou-se o *mainstream* do protesto do *hip hop* italiano, tendo como alvo principal o atual Ministro do Interior, Salvini, e como assuntos fundamentais a crítica à intolerância contra o imigrado. Usando uma metodologia qualitativa, o trabalho demonstrou que assuntos e alvos propostos pela “segunda geração” dos *rappers* “mistos” passaram a constituir as principais fontes de inspiração de larga parte do *rap* nacional, independentemente das origens étnicas dos artistas.

### PALAVRAS-CHAVE

Identidade nacional; racismo; Salvini; imigração

---

### INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos noventa a Itália descobriu-se país de imigração. Na verdade, desde 1973 o saldo migratório italiano tinha sido positivo, invertendo a tradicional tendência emigratória. Entretanto, a opinião pública italiana não tinha atribuído tamanha importância à imigração até os anos noventa,

uma vez que tal fenómeno se concentrava em camadas “invisíveis” ou de baixo impacto social, principalmente estudantes (provenientes sobretudo da Grécia e do Irão) e pessoal destinado a trabalhos domésticos (proveniente de países asiáticos, como Filipinas, Sri-Lanka, Bangladesh, africanos como Cabo-Verde ou as antigas colónias da Etiópia e da Eritreia, ou ainda latino-americanos) (Bettin & Cela, 2014). Se, em 1991, a presença estrangeira fixa na Itália era ainda modesta (pouco mais de 350.000 unidades), em 2011 ela já ultrapassava os quatro milhões de indivíduos (Bettin & Cela, 2014).

Paralelamente o crescer dos fluxos aumentou a intolerância para com os imigrados, cada vez mais “visíveis”. A sociedade e as principais instituições italianas – a partir da escola – não estavam preparadas para acolher indivíduos tão diferentes, quer em termos culturais e religiosos, quer em termos comportamentais. A afirmação dos princípios do multiculturalismo foi difícil, extemporânea e largamente voluntarista, começando pela escola de base (Bussotti, 2017b). Se a primeira geração de imigrados pretendia criar as condições económicas mínimas para sustentar a família, a segunda geração teve uma postura completamente diferente. Acima de tudo, trata-se de uma geração que nasceu na Itália ou que – mesmo nascendo no exterior – teve o seu processo de escolarização feito na Itália. No ano escolar de 2014-2015 havia cerca de 815.000 estudantes estrangeiros a frequentarem a escola italiana, contra apenas 120.000 em 1999-2000 (Bussotti, 2017b). Este elemento fez com que tais indivíduos se sentissem muito mais italianos do que os seus pais, mal tolerando, portanto, a “integração subalterna” que estes tiveram de aceitar. O processo de escolarização e de inserção em vários mundos sociais, por exemplo música, desporto e moda, fez com que os jovens da segunda geração ambicionassem a ter empregos bem pagos e calibrados consoante as suas capacidades, independentemente da cor da pele, proveniência geográfica ou etnia dos pais. Nem sempre isso foi possível, aliás, estudos realizados sobre as segundas gerações têm demonstrado que a discrepância entre expectativas elevadas e resultados conseguidos, ao nível da afirmação social, desaguará em frustrações e desilusões (Molina & Demarie, 2004).

Porém, alguns desses “filhos de imigrados” conseguiram emergir. Os dois âmbitos em que a segunda geração teve mais sucesso foi no desporto e na música, principalmente a de protesto social incarnada pelo *rap*. Crescidos nas periferias das grandes cidades do Norte e de Roma e, em parte, Nápoles, politizados e cheios de raiva pelas injustiças sociais e até as várias formas de discriminação – explícita ou latente – a que eram submetidos, estes jovens iniciaram a lançar mensagens de luta e reivindicação que,

durante muitos anos, foram típicos e quase que exclusivos da “segunda geração”. Artistas tais como Amir Issaa (italo-egípcio), Zanko el Arabe Blanco (italo-sírio), Karima (italo-liberiana), Mike Samaniego (italo-sino-filipino), Valentino Ag (italo-nigeriano) e, mais recentemente, o “fenómeno” Ghali (italo-tunisino), foram os mentores e protagonistas de um sentimento comum que desaguou na constituição de uma rede, a G2, com um claro programa social e político.

Os conteúdos das suas músicas, juntamente com a proposta de formas artísticas novas, embora dentro do mundo *rap*, tais como a *koiné* linguística usada ou a reivindicação de uma nova lei sobre a cidadania, representaram elementos inovadores que sacudiram o panorama do *hip hop* italiano, que estava atravessando um momento não muito brilhante, depois dos factos dos anos oitenta-noventa (Bussotti, 2017a).

Entretanto, tais assuntos se tornaram repentinamente de atualidade devido às circunstâncias políticas (e sociais) que se verificaram no panorama italiano nos anos mais recentes. Com a vitória eleitoral, em 2018, os dois partidos “populistas” (Liga do Norte, liderada por Matteo Salvini e Movimento “Cinco Estrelas”, liderado por Luigi Di Maio mas fundado pelo ator cómico Beppe Grillo), acabaram formando um novo governo, cujo lema foi a tolerância zero para com os desembarques dos navios dos “desesperados” africanos à procura do estatuto de refugiados na Europa e para as organizações não-governamentais de apoio. Do ponto de vista social, os italianos descobriram que uma parte deles já tinha ideias xenófobas e praticava o racismo de forma aberta. Episódios de intolerância e verdadeira “caça” ao imigrado têm-se multiplicado em 2018. O relatório da Amnesty International (2018) já tinha demonstrado como, na Itália, as formas de racismo contra os imigrados aumentaram relativamente aos anos anteriores. Em 2018, a contraposição entre “nós” e “vocês” assim como entre “nós” e “vocês que ajudam a eles”, ou seja, o mundo das associações e organizações não-governamentais que procura apoiar os imigrados, é cada vez mais nítida e associada à insegurança e, portanto, ao medo e à intolerância (Amnesty International, 2018). Desde 11 de Junho a 29 de Julho de 2018 houve 12 agressões em território italiano contra cidadãos pretos, entre os quais a atleta da seleção italiana, Daisy Osakue que, por causa disso, estava para desistir da sua participação no campeonato europeu de atletismo em Berlim<sup>1</sup>.

A pesquisa aqui apresentada analisa a trajetória dos *rappers* da “segunda geração” e a aceitação e difusão das suas mensagens por parte de

<sup>1</sup> Retirado de <http://tinyurl.com/y4q4ukyc>

muitos outros *rappers* comprometidos ao longo dos últimos dois anos, com particular destaque para 2018. Seu alvo principal, e até certo ponto simbólico, é Matteo Salvini e a sua postura intolerante para com os imigrados, sobretudo se de pele escura. Assim, a representação de uma Itália nem sempre acolhedora e tolerante, que a “segunda geração” tinha proposto há muito tempo, acabou constituindo um dos *leit motiv* preferenciais de boa parte dos *rappers* italianos engajados.

A metodologia usada para levar a cabo esta pesquisa foi de tipo qualitativo, centrando-se essencialmente na análise das contribuições da “segunda geração” de *rappers* italianos “mistos” e na comparação entre as suas mensagens e os conteúdos reivindicativos por parte de outros *rappers* nos anos mais recentes, principalmente depois da formação do governo de coligação Liga do Norte-Movimento Cinco Estrelas, em 2018.

#### ○ RAP ITALIANO DA “SEGUNDA GERAÇÃO”: UMA NOVA FRENTE CONTRA A INTOLERÂNCIA

A grande inovação que os *rappers* “mistos” da “segunda geração” trouxeram na cena *hip hop* italiana foi a (auto)representação deles próprios como novos italianos. Uma representação que estava bem longe das mais tradicionais propostas pela música *pop* italiana, que sempre tinha considerado nos mesmos moldes imigrados e filhos de imigrados, nunca imaginando que estes últimos – nascidos e crescidos em território italiano – pudessem fazer profissão de “italianidade” e de conhecimento da língua e da cultura nacionais diante da degradação provocada pelo processo de intensa massificação homogeneizadora (Zukar, 2017).

O que parece certo, é que os *rappers* da “segunda geração” nunca aceitaram os lugares-comuns que os identificavam com as vidas dos seus pais e com aquela “integração subalterna” que a própria cultura esquerdista mais aberta tencionava – voluntária ou involuntariamente – promover. As histórias artísticas deste grupo mostram a evolução das representações e das reivindicações que esta fatia de novos cidadãos italianos propôs e afirmou.

O abre-pista da “segunda geração” foi DJ Luigi. Luigi Pecora (este o seu nome verdadeiro) nasceu na Etiópia em 1969, de pai italiano e mãe etíope. Aos sete anos fixa-se em Cosenza (Calábria), com estatuto de refugiado de guerra. É aqui que o jovem Luigi entra em contacto com o primeiro CSOA (Centro Social Organizado Autogerido) da cidade, o Gramna (mesmo nome do barco que levou Fidel Castro e Che Guevara a Cuba para derrotar o regime de Batista, com uma pequena propositada gralha), fundado

em 1990 (Messinetti & Dionesalvi, 2010). Este primeiro CSOA visava resgatar Cosenza das infiltrações e da mentalidade mafiosas de que a urbe era impregnada. Foi a partir deste contexto social e artístico que Dj Luigi iniciou a sua carreira, o primeiro entre os *rappers* “mistos” a conseguir um sucesso a nível nacional, principalmente depois da sua mudança para Bolonha (1998), onde publica o seu primeiro álbum – *Cá pú* (2000). Este álbum constitui uma primeira referência para o *rap* comprometido em prol de uma sociedade mais tolerante e aberta para com os imigrados: em *Funky per funky*, por exemplo, defende que “ia a frente com pão e James Brown desde os primeiros *rounds* da minha vida”, agradecendo a sua natureza “afro” por ter-lhe permitido “distinguir o som do ruído”, tornando-o um famoso *rapper* (Pecora, 2000, faixa 3). O outro grande tema que aborda neste seu primeiro álbum é o racismo, presente também no Sul da Itália, por tradição uma região muito acolhedora e tolerante: em *Questa è la realtà*, uma das últimas imagens da canção, alude a um miúdo que, ao ver chegar Luigi, grita “marroquino!”, metonímia que, na Itália dos anos noventa mas, em parte, até hoje, aludia ao africano, à pessoa da pele escura e, portanto, inferior.

Nos anos seguintes, Dj Luigi continua a sua luta para uma melhor integração entre imigrados, sobretudo africanos e italianos.



Figura1: Dj Luigi

Dj Luigi procurou representar uma Itália que estava descobrindo-se intolerante, propondo modalidades de convivência e integração ainda “positivas” e, por assim dizer, embasadas em princípios universais. Tendo o pai italiano, o problema da nacionalidade não era, para ele, tão premente,

de forma que ele nunca enfatizou nem reivindicou uma identidade nacional já adquirida *iure sanguinis*.

Os *rappers* da “segunda geração” que, na sua maioria, nasceram na Itália entre os finais dos anos setenta e o início dos anos oitenta, encontraram um contexto cultural e político radicalmente diferente, comparativamente ao que o Dj Luigi tinha conhecido apenas uma década antes. Os *rappers* da segunda geração procuram representar, por um lado, a condição do imigrado mas, por outro, distinguir-se dos seus próprios pais, eles sim, imigrados e não italianos como eles se sentem.

O objeto largamente privilegiado dos *rappers* da segunda geração é a afirmação da sua “italianidade”. Por isso, eles procuram despertar a atenção geral sobre os novos italianos, explicando a necessidade de uma lei da cidadania baseada no *ius soli* (ou *ius culturae*) e já não no *ius sanguinis*, até hoje vigente na legislação italiana (Bussotti, 2002). Em volta de tais assuntos, outros, similares, são desenvolvidos: a tolerância (ou a falta dela) na sociedade italiana, o multiculturalismo, a xenofobia e o racismo (Bussotti, 2017b).

É possível identificar algumas composições paradigmáticas das principais tendências musicais dos *rappers* da segunda geração: *Straniero nella mia nazione* (2006) e *Non sono un immigrato* (2008), os dois da autoria de Amir Issaa, ítalo-egípcio nascido em Roma em 1978; *Sono nato qui* (2011), de Valentino Ag (ele também de Roma e de origem nigeriana), que serviu de coluna sonora do documentário *18 Ius Soli* de Fred Kuwornu; e *Essere normale* (2010) de Zanko el Arabe Blanco, de Milão e de origem síria.



Figura 2: Capa de Amir Issaa, *Quando hai perso tutto*

Amir Issaa, em *Straniero nella mia nazione*, faz um balanço do nível de aceitação dos expoentes da segunda geração como ele. E tal balanço só pode ser negativo, “se me chamam de estrangeiro no sítio onde eu vivo” (Issaa, 2006, faixa 10). Em *Non sono un immigrato*, Issaa enfatiza a sua “italianidade”, realçando que “a gente confundiu-me com um imigrado”. E assim conclui: “não me devo integrar/eu nasci aqui/eu não sou meu pai/não sou um imigrado (...)/não sou um clandestino não faço o lava-vidros” (Issaa, 2008, faixa 3).

Valentino Ag, em *Sono nato qui*, realça o mesmo conceito de Amir Issaa: o da italianidade, explicando ter crescido “pasta manteiga e parmesão”, apesar das suas raízes africanas de que se orgulha. A canção – que alterna língua italiana, expressões dialetais romanas e frases em Inglês – conclui com uma frase provocatória, que evidencia como a própria língua italiana conseguirá sobreviver apenas graças àqueles como ele: “me dizes parabéns tu falas bem a minha língua/mas sou eu que a ensino a ti antes de ela se extinguir”<sup>2</sup>.



Figura 3: Zanko el Arabe Blanco

Zanko el Arabe Blanco apela – com uma *koiné* entre italiano, dialeto milanês e idioma árabe – para que seja considerado e tratado como uma pessoa normal. Tal normalidade, segundo Zanko, é uma conquista difícil, dependendo de fatores tais como “a classe social, a cor da tua compleição pessoal”; o “diferente” é um “ilegal, um diferente antissocial, um antipático” (Zanko El Arabe Blanco, 2010). A única saída, para Zanko, é aceitar

<sup>2</sup> Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=oLO1iRSK4gQ&feature=youtu.be>

uma postura de tolerância e centrada no multiculturalismo, criando inclusivamente uma figura desconhecida, até então: os “árabes made in Italy” (Zanko El Arabe Blanco, 2010).

O posicionamento dos *rappers* acima mencionados desagua, com a ajuda fundamental de outros colegas, num agrupamento artístico de grande força e impacto, o da rede G2, cuja bandeira é a luta em prol de uma lei da cidadania baseada no *iul soli*.

A rede forma-se em 2005 em Roma<sup>3</sup> e ostenta de imediato uma diferenciação: a autodefinição identitária destes artistas é de “filho de imigrado” e não “imigrado”. Portanto, o acrónimo G2 não quer dizer “segundas gerações de imigrados”, mas sim “segundas gerações da imigração”. Os eixos fundamentais da rede são os direitos negados, inerentes à cidadania italiana, e o multiculturalismo. Cada ano, a rede organiza *workshops* nacionais, em que participam pessoas entre os 18 e os 35 anos de idade. Entretanto, o ponto de encontro principal (e virtual) é o Blogue G2, com quase um milhão de visualizações. Os usuários registados para participar no fórum são cerca de 800.

A rede tem adquirido, ao longo do tempo, um estatuto de envergadura nacional participando, por exemplo, graças ao convite do Ministério do Interior e do Ministério da Solidariedade Social – entre 2006 e 2007 – nas discussões das comissões parlamentares para modificar as leis sobre a imigração e sobre a cidadania. Desde 2007, a rede faz parte da Comissão Consultiva Nacional do Ministério da Solidariedade Social e da Comissão Consultiva sobre o Observatório para a integração dos alunos estrangeiros e a educação intercultural junto ao Ministério da Educação Pública, tendo desenvolvido colaborações com a Província de Mantova e o Município de Roma em relação a projetos escolares multiculturais (um dos protagonistas, a Roma, foi Amir Issaa).

Ainda em 2007, a rede realizou a fotonovela G2, finalizada à abertura da lei italiana sobre a cidadania; uma cópia da fotonovela foi entregue ao então Presidente da República, Giorgio Napolitano, que concordou com os conteúdos, empurrando (sem sucesso) o Parlamento para uma aprovação rápida de uma nova lei sobre a cidadania. Em 2008, a rede lançou a emissão radiofónica “Onde G2”, emitida, quer pela Rádio Popular de Milão, quer pela Popular Network a nível nacional.

As pressões pela aprovação da nova lei sobre a cidadania continuaram ininterruptamente nos anos a seguir, com várias entrevistas em jornais e canais televisivos nacionais de artistas da rede (Goonan, 2009) e

<sup>3</sup> Ver [www.secondegenerazioni.it](http://www.secondegenerazioni.it)

petições, encontros e apelos, quer aos Presidentes da República, quer aos Primeiros-Ministros, sobretudo Renzi e Gentiloni. Até agora, porém, sem sucesso. O produto provavelmente mais significativo e representativo desta rede é o documentário *18 lus Soli*, juntamente com o CD *Stranieri a chi*.

Zanko acredita que o CD represente um ótimo exemplo das melhores expressões do *hip hop* da segunda geração (Blumi Tripodi, 2008)<sup>4</sup>. Em paralelo, um tal posicionamento marca uma certa distância em relação à cena *hip hop* italiana contemporânea, devido ao “desempenho” dos outros *rappers* para com os grandes temas de tipo social e político, a partir da questão da cidadania, do racismo e da falta de integração.

### DEPOIS DA “REDE”: OS RAPPERS DA SEGUNDA GERAÇÃO ENTRE COMPROMETIMENTO E DESEMPENHO

Imediatamente a seguir à proposta artística e política dos *rappers* que se juntaram na rede G2, outros músicos da tendência *hip hop* emergiram na cena musical italiana. Entre eles, o que prevalece é um engajamento cada vez menos comprometido para com assuntos sociais e políticos, desaguando em propostas musicais que melhor respondem ao público jovem e até muito jovem a que se dirigem. É o caso de Laioung e ainda mais de Ghali, embora em poucos casos (aqui representados por Tommy Kuti) o engajamento seja até mais explícito e direto do que tinha acontecido com a rede G2, com polémicas frontais contra o racismo da Liga do Norte e do seu líder, Matteo Salvini. Serão *rappers* como Tommy Kuti que irão dar continuidade aos conteúdos da rede G2, que influenciarão outros colegas no momento em que a Liga do Norte tornou-se partido de governo e Salvini ficou Ministro do Interior, aplicando na prática os seus princípios soberanistas, nacionalistas e de rejeição do imigrado e do refugiado, numa lógica de procura de segurança e de (re)construção de uma identidade nacional “pura” e não contaminada.

Tommy Kuti – nome completo Tolulope Olabodekutt – nascido em Abeokuta (Nigéria) a 28 de Julho de 1989 mas crescido na cidade de Brescia (Lombardia), onde iniciou a sua carreira artística –, alcança o sucesso entre 2015 e 2016, fundando a casa discográfica Mancamelanina e assinando (2016) um contrato com a Major Universal Music Italia. Em 2017 e 2018 mostra o seu descontentamento para com a cena política e artística nacional. Depois de Karima (romana, de origem liberiana) em 2014 ter lançado o polémico *Orangutan* (dedicado ao antigo Ministro da Liga do Norte,

<sup>4</sup> Retirado de <https://hotmc.com/hip-hop-e-immigrazione-hotmc-intervista-zanko/>

Calderoli, que tinha dirigido ofensas racistas à primeira Ministra africana do governo italiano, Cécil Kyenge, de origens congolezas), Tommy Kutu vai muito além. Em 2018, quando a onda racista em Itália começa a fazer sentir todo o seu efeito, este *rapper* escreve uma música contra Matteo Salvini, com o título *#Afroitaliano*. Lançada em 2018, esta canção expressa a essência identitária do *rapper* italo-nigeriano: “Afroitaliano, porque estou farto de ouvir dizer o que eu sou ou o que eu não sou. Sou Africano demais por ser apenas Italiano, e demasiado Italiano por ser apenas Africano. Afroitaliano, porque o mundo já mudou” (Kutu, 2018, faixa 6). A sua “italianidade” é expressa em forma ainda mais direta contra a postura xenófoba e até racista da Liga do Norte e de Salvini em composições como *Italiano vero* de 2018, a que Salvini teve de responder diretamente.



Figura 4: Tommy Kutu

Mas o *rap* de Tommy Kutu não representa apenas uma denúncia daquilo que se está a passar no panorama político italiano. A sua polémica engloba também a passividade de larga parte da sociedade, a partir dos seus colegas *rappers* que, segundo ele, estariam a trair o espírito comprometido da própria filosofia *hip hop*. Assim, ele declara numa entrevista: “a razão principal que me leva a fazer música é porque sinto a necessidade de uma canção como *#Afroitaliano*, para que a gente perceba o que é que tem atrás de pessoas como eu” (Castagneri, 2017)<sup>5</sup>. E ainda, de forma mais clara: “este não é o momento dos conteúdos. A cena está mais interessada a assuntos fúteis (...). O *rap* já se tornou uma coisa *cool* e a coisa *cool* tem de ser leve e despreocupada” (Castagneri, 2017)<sup>6</sup>. E assim conclui: “por vezes tenho a sensação de que toda a cena tenha levado ‘merda na cabeça’ e tenham sido ofuscados (...). É triste e também significativo” (Piccolo, 2018).

<sup>5</sup> Retirado de <https://tinyurl.com/yatbcmlo>

<sup>6</sup> Retirado de <https://tinyurl.com/yatbcmlo>

A falta de comprometimento, pelo menos no que diz respeito aos assuntos sociais e políticos que tocam de perto a segunda geração (assim como as gerações seguintes de filhos de imigrados ou da imigração), influencia também *rappers* que partilham as mesmas características e as mesmas experiências de vida de Tommy Kuti e, no geral, dos artistas da rede G2. A tendência, à falta de comprometimento social e político – pelo menos nos termos considerados neste trabalho –, pode ser representada por *rappers* como Laioung e Ghali. Laioung (nome verdadeiro Giuseppe Bockarie Consoli, nascido em 1992 em Bruxelas, de pai italiano e mãe inglesa mas de origem da Serra Leoa), que se autodefine pertencente ao *trap*, concentra o seu comprometimento em assuntos de cunho geral e internacional. Por exemplo, uma sua composição que foi classificada como *trap*, *Petrolio*, aborda o problema das escavações à procura do petróleo, mostrando graves preocupações de matriz ambiental. Laioung sublinha como esta composição foi inspirada pelo país da mãe, a Serra Leoa<sup>7</sup>. Entretanto, Laioung é explícito quanto à função da música e do próprio *rap* (ou *trap*): ela deve trazer dinheiro e bem-estar. Em *La nuova Italia*, Laioung destaca que “esta é minha vez, vai passear longe/conto as horas, aprecio as coisas pequenas/e fico na minha visão” (Laioung, 2016, faixa 6). Mais ou menos no mesmo diapasão se coloca *Vengo dal basso*, cantada com Gué Pequeno. Aqui, a frase que dá o sentido a toda a composição é a seguinte: “dinheiro se faz sozinho e me tornei rico sozinho (yeah)/eles contam histórias mas nós estamos a escrever a história” (Laioung & Gué Pequeno, 2017, faixa única). E, em paralelo, se autodefine como *filósofo* dos passeios, que não representa, como ele próprio tem afirmado, as “segundas gerações de italianos” mas sim “quem, como eu, passou pela pobreza e a discriminação” (Brusati, 2017).



Figura 5: Laioung

<sup>7</sup> Retirado de <https://www.rockit.it/intervista/laioung-ave-cesare-veni-vidi-vici-trap>

Uma análise (aqui impossível por razões de espaço) do “fenómeno” Ghali (nome completo Ghali Amdouni, nascido em 1993 em Milão e crescido no bairro “Baggio”, um dos mais problemáticos da cidade lombarda, com pais tunisinos) iria confirmar, grosso modo, o que foi dito acima por Laioung. O sucesso de Ghali foi além de qualquer expectativa: tem o canal Youtube mais visto do país inteiro e, num só dia, conseguiu com *Cara Italia* (2017), cerca de 4,3 milhões de visualizações. No que diz respeito ao assunto aqui abordado, o comprometimento para com questões sociais e políticas que tocam de perto a denúncia de xenofobia e racismo, Ghali tem uma postura “soft”, fato que o favoreceu em se tornar uma referência incontornável sobretudo para os Millennials (Curci, 2007). O grande sucesso deste *rapper*, *Cara Italia*, apresenta conteúdos “leves”, ao limite do nacional-popular, longínquos dos tons agressivos da rede G2. O *refrain* da canção é uma declaração de amor do cantor ao país onde nasceu e sempre viveu, resumido na estrofe “oh eh oh, eu te quero bem cara Itália/oh eh oh és a minha doce metade” e no pedido para “não me ver como inimigo” (Ghali, 2018, faixa única).



Figura 6: Ghali, *Cara Italia*

### **A DIREITA NO GOVERNO: UMA NOVA ESTAÇÃO DE ENGAJAMENTO DOS RAPPERS ITALIANOS?**

Como as fontes acima referenciadas têm mostrado, ao longo dos últimos 2-3 anos o grau de intolerância dos italianos para com os imigrados tem aumentado. Um tal fenómeno tem uma ligação clara com os desembarques dos desesperados provenientes do continente africano, com o desinteresse mostrado por parte da União Europeia em partilhar as responsabilidades de acolhimento destas pessoas, assim como com a amplificação mediática deste fenómeno por parte de formações políticas e de meios da comunicação social da direita não liberal. Diante deste cenário, e de forma

ainda mais acentuada após a formação do novo governo de coligação Liga do Norte-Movimento Cinco Estrelas, uma parte dos *rappers* italianos começou a compreender que as contínuas chamadas de atenção dos colegas da rede G2 faziam todo o sentido.

Desta feita, Salvini tornou-se o alvo privilegiado das invetivas dos *rappers* recém-engajados. Como foi escrito por um jornalista especializado, “Salvini pode orgulhar-se de ter conseguido um sucesso em tempo recorde: o de ter reunido contra um inimigo comum (ou seja, ele próprio) os *rappers* italianos” (Fazio, 2018). E tais *rappers* não se têm limitado a compor palavras insultuosas dentro das suas músicas contra o atual Ministro do Interior; antes pelo contrário, declarações públicas, entrevistas, posts nas várias redes sociais têm conseguido ainda mais impacto do que as estrofes das respetivas canções. Gemitaiz (nome verdadeiro Davide De Luca), na altura da crise do barco Aquarius, pertencente à ONG SOS Mediterranée, e que o Ministro Salvini não quis que atracasse num porto italiano, desejou a este membro do governo a morte no seu perfil de Instagram.

Gemitiaz amplificou um debate que os *rappers* da rede G2 tinham lançado, mas com um sucesso relativo devido, em parte, ao seu isolamento dentro da cena *hip hop* e, no geral, musical italiana. Só que os *rappers* da rede G2 tinham um objetivo político claro e comum, a superação do princípio do *ius sanguinis* como base da lei da nacionalidade. Pelo que seus tons podiam ser, por vezes, agressivos ou até insultuosos, mas não era este o normal. Agora, com a impossibilidade de o atual governo aceitar qualquer proposta legislativa em favor da população imigrada, assim como das segundas gerações, os termos da contenda político-cultural tornaram-se mais radicalizados e extensivos mesmo a artistas que, na altura anterior, não estiveram particularmente engajados em assuntos que tinham a ver com cidadania, acolhimento do estrangeiro, multiculturalismo.

A radicalização do posicionamento deste conjunto de *rappers* provocou novas divisões dentro dos protagonistas da cena *hip-hop* nacional: por um lado, *rappers* como SferaEbbasta (parceiro de Ghali) voltou a frisar que ele não está minimamente interessado na política e que seria inútil ele expressar as suas ideias em volta disso (Fazio, 2018); por outro, uma série de outros *rappers* assumiu a dianteira da luta contra o atual governo da direita. Por exemplo, Nitro recordou que o *rap* é o género de protesto e de denúncia por excelência, enquanto Murubutu (nome verdadeiro Alessio Mariani, professor de história e filosofia numa escola secundária de Reggio Emília), numa entrevista ao maior diário do país – *La Repubblica*, sublinhou

quão perigosa é a tendência do executivo a respeito das minorias e dos imigrados, com o risco de “perder garantias e direitos que tínhamos conquistado ao longo do tempo” (Lo Muzio, 2018). Outros *rappers*, ainda mais destacados, tais como Caparezza, Fedez e Willie Peyote, desde 2016 tinham iniciado a alertar os seus fans da perigosidade de Salvini e das ideias que o seu partido estava defendendo e propalando.

A última provocação, todavia, é da autoria do *rapper* gambiano Lamin Ceesay, residente em Itália há muitos anos. Num vídeo postado no seu perfil de Facebook, Lamin retrata-se juntamente com dois amigos africanos, num pedaló, deixando a costa e zarpando para o largo mar, rumo a África. Em jeito de comentário, Lamin escreve: “Matteuccio nós vamos-te contentar e estamos voltando ao nosso país” (Ceesay, 2018). Concluindo com o *refrain*: “fascistas de merda, fascistas de merda...” (Ceesay, 2018).

O debate em volta da crescente intolerância promovida pelo governo e, nomeadamente, pelo Ministro do Interior Salvini, incendia-se cada vez mais, em consideração do fato de ele próprio não se eximir de replicar aos seus críticos. Por exemplo, recentemente Salvini assumiu um posicionamento público contra Gemitaiz, o *rapper* que de certa forma abriu o debate contra ele, fingindo não conhecê-lo e tencionando portanto diminuir diante dos italianos a sua fama artística (Corrado, 2018).

Em suma, parece que as decisões tomadas pelo novo governo italiano sobre imigrados e requerentes do estatuto de refugiados tenham despertado o sonolento mundo *rap* italiano, sacudido pela falta de humanidade do novo Ministro do Interior e chamado a assumir um papel de denúncia, na esteira de quanto os *rappers* da rede G2 vinham fazendo há muito tempo, mas com um impacto bastante modesto.

## CONCLUSÕES

O objetivo deste trabalho foi apresentar o posicionamento da cena *hip-hop* italiana diante do complexo fenómeno de uma sociedade cada vez mais multicultural e atravessada por dinâmicas de difícil gestão, entre as quais, as migrações de desesperados da África mediante embarcações de fortuna.

Viu-se que, numa primeira fase, um conjunto de *rappers* diretamente interessados com questões inerentes à cidadania, à integração não subalterna e ao reconhecimento da sua identidade italiana (o grupo da “segunda geração”) fundou uma rede, chamada G2, comprometida em promover tais questões, tendo como meta principal a aprovação de uma nova lei sobre a

nacionalidade. Entretanto, esta tentativa, que atravessou vários governos, quase todos de centro-esquerda, não foi bem-sucedida, quer por razões políticas e relacionadas com o posicionamento da maioria do Parlamento, quer devido a uma influência muito relativa deste conjunto de *rappers*. Apesar de tudo, eles continuaram na opinião pública italiana assim como na cena *hip hop* no seu todo, a desempenhar um papel secundário e as suas mensagens foram de certa forma marginalizadas.

Entretanto, os membros desta rede conseguiram levar a cabo uma obra de sensibilização para com a opinião pública que deixou algum legado no próprio panorama *hip hop* italiano. Quando as eleições gerais de 2018 decretaram a vitória de dois partidos, o Movimento Cinco Estrelas, genericamente populista, e a Liga do Norte, da extrema-direita nacionalista e xenófoba, dando origem a uma coligação governamental, a migração tornou-se o centro da política e do debate público italianos. As posições do Ministro do Interior, o líder da Liga do Norte – Salvini, amplificaram este debate. Consequentemente, alguns dos *rappers* mais destacados, embora geralmente não particularmente comprometidos do ponto de vista social e político, retomaram os assuntos abordados pelos seus colegas da segunda geração, denunciando a desumanidade das ações de Salvini e a sua perigosidade, quanto ao tipo de democracia e de valores promovidos.

A sua postura crítica, consoante a natureza desafiadora do *rap*, desaguou em insultos e ofensas ao Salvini, dentro e fora das composições musicais, aos quais o Ministro do Interior reagiu, usando as redes sociais, e instaurando um diálogo com estes *rappers* baseado numa linguagem brutal e insultuosa.

É justamente um tal confronto contínuo e violento entre as duas partes supramencionadas que está caracterizando os primeiros meses de ação do governo de centro-direita e que, alguns *rappers* destacados estão representando publicamente, indo muito além dos objetivos “políticos” expressos pela rede G2.

## REFERÊNCIAS

Amnesty International (2018). *Rapporto annuale 2017-2018*. Formigine: Edizioni Infinito.

Bettin, G. & Cela, E. (2014). *L'evoluzione storica dei flussi migratori in Europa e in Italia*. Venezia: Università IUAV.

- Brusati, G. (2017, 23 de abril). Laioung, il lato positivo del nuovo rap italiano. *L’Arena*. Retirado de <http://www.larena.it/home/spettacoli/musica/laioung-il-lato-positivodel-nuovo-rap-italiano-1.5649356>
- Bussotti, L. (2002). *La cittadinanza degli Italiani*. Milano: Franco Angeli.
- Bussotti, L. (2017a). A representação da África na música italiana contemporânea: do pós-guerra até hoje. *Sociedade e Cultura*, 20(1), 201-226. RDOI: 10.5216/sec.v20i1.51063
- Bussotti, L. (2017b). The Italian way to intercultural education: Innovation and Resistance. *Foro de Educación*, 15(23), 43-68. DOI: 10.14516/fde.556
- Ceesay, L. (2018). *Torniamo in Africa col pedalò*. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=8KW3kmFUVKo>
- Corrado, V. (2018, 19 de junho). Migranti, Salvini contro il rapper che si esibirà a Mantova l’11 luglio. *Gazzetta di Mantova*. Retirado de <https://tinyurl.com/y39x7b4v>
- Curci, M. (2007, 6 de dezembro). Ghali, da talento del rap italiano a icona di stile. *Grazia*. Retirado de <https://www.grazia.it/moda/celebrity-style/ghali-stile-album-adidas>
- Fazio, G. (2018, 4 de agosto). Salvini è diventato il bersaglio preferito dei rapper italiani. Retirado de [https://www.agi.it/blog-italia/musiche/rapper\\_italiani\\_salvini-4236731/post/2018-08-04/](https://www.agi.it/blog-italia/musiche/rapper_italiani_salvini-4236731/post/2018-08-04/)
- Ghali (2018). *Cara Italia* [faixa única]. Itália: Charlie Charles
- Goonan, D. (2009). Intercultural Relations and Hip-Hop in Italy. *CSC Newsletter*. Retirado de <https://www.dickinson.edu/download/downloads/id/112/springsummer2009>
- Issaa, A. (2006). Straniero nella mia nazione. In *Uomo di prestigio* [CD]. Itália: EMI.
- Issaa, A. (2008). Non sono un immigrato. In *Paura di nessuno* [CD]. Itália: Amir Issaa.
- Kuty, T. (2018). #Afroitaliano. In *Italiano vero* [CD]. Itália: Universal Music Italia.
- Laioung (2016). La nuova Italia. In *Ave Cesare: veni, vidi, vici* [CD]. Itália: Epic Records.
- Laioung & Gué Pequeno (2017). *Vengo dal basso* [faixa única]. Itália: Laioung.

- Lo Muzio, V. (2018, 20 de dezembro). R. Emilia, il rapper professore di storia dà lezione a Salvini. *La Repubblica*. Retirado de <https://tinyurl.com/y4nhara6>
- Messinetti, S. & Dionesalvi, C. (2010, 28 de janeiro). 20 anni di Gramna [Post em blogue]. Retirado de <http://www.inviatodanessuno.it/?p=833>
- Molina, S. & Demarie, M. (2004). Le seconde generazioni. Spunti per il dibattito italiano. In M. Ambrosini & S. Molina (Eds.), *Seconde generazioni. Un'introduzione al futuro dell'immigrazione in Italia*. Torino: Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli.
- Pecora, L. (2000). Funky per Funky. In *Cá pú* [CD]. Itália: Jackpot Record.
- Piccolo, A (2018, 21 de março). Tommy Kuti, il rapper “afroitaliano” che rifiuta il trap. *Fourzine*. Retirado de <http://www.fourzine.it/2018/03/21/tommy-kuti-intervista/>
- Zanko El Arabe Blanco (2010). Essere normale. In *MetroCosmoPoliTown* [CD]. Itália: Zanko El Arabe Blanco
- Zukar, P. (2017). *Rap. Una storia italiana*. Milano: Baldini e Castoldi.

Citação:

Bussoti, L. (2019). O rap italiano entre “segunda geração”, desempenho e novo protesto social. In A. M. Costa e Silva, I. Macedo & S. Cunha (Eds.), *Livro de atas do II Congresso Internacional de Mediação Social: a Europa como espaço de diálogo intercultural e de mediação* (pp. 232-248). Braga: CECS.